



COMO O SISTEMA COLONIAL DESPERSONALIZAVA A MULHER

• De jovem-objecto de prazer a mulher serva, passando por presente de visita, uma moçambicana dá um testemunho vivo

Vamos descrever aqui algumas passagens da vida de uma mulher moçambicana que, tal como muitas outras, sofre os vestígios da alienação e opressão coloniais. O colonialismo português, no seu processo de exploração, utilizou todas as formas para nos enfraquecer. Utilizou as formas mais brutais e degradantes de despersonalização, as formas mais perversas de desagregação social. A narrativa que nos é apresentada dá-nos mais um exemplo da concepção colonialista da mulher. A mulher objecto, a mulher prazer, a mulher serva. A transformação da mulher num dócil instrumento de prazer, é cuidadosamente preparada. Preparação desde a infância, desenraizando e despersonalizando a pessoa, instalando o vazio, a insegurança, a desestabilização familiar e o esquecimento. O esquecimento que conduz ao desinteresse pela vida. Assim, a pessoa fica sem história. Assim, esta mulher ficou à mercê de todas as manipulações. Mostra-nos também a história desta mulher, a imensa força regeneradora da FRELIMO, a imensa capacidade de dignidade humana que só a Revolução possui. Vejamos o que nos diz Salima Wazir.

Gostaria muito de saber quanto tempo passou desde que me separei dos meus pais. Agora não me recordo deles, nem sou capaz de reconhecer o local onde nasci. Só sei que na altura havia muitas coqueiras e saf de cá quando era muito criança. — Com estas palavras, uma mulher começou a relatar-nos algumas passagens da sua vida, durante um diálogo mantido num dos bairros da capital de Cabo Delgado.

O nome dela é Salima Wazir, mais conhecida hoje por Rosalina Wazir. Vive no bairro de Paquiquele desde que o sr. Tenente Monteiro Castanheira ali a deixou, proveniente não de Muaguidé, onde nasceu, mas de uma parte que ela não mais se recorda. Para essa parte cujo nome caiu no esquecimento e de que apenas se lembra do sr. administrador Jaime, que também a abandonara, ela fora como «yaya» (criada), mas antes substituíra aquela que seria a «digna» esposa do seu pai.

A história aparentemente exclusiva de Rosalina Wazir, habita precisamente no meio destes dois abandonos e as folhas em branco da mesma história são preenchidas pelos factos frustrados da vida que, posteriormente, aquela mulher levou.

NÃO CONHEÇO MEUS PAIS

— Não me despedi dos meus pais e claro que ficaram preocupados, até que o professor informou que eu me tornara esposa de gente grande. Sem nunca mais voltar a ver a minha mãe, comecei a andar muito, a acompanhar as transacções do meu «marido».

Durante o tempo que viveu com o sr. Jaime, que lhe mudou o verdadeiro nome, Rosalina Wazir foi apenas objecto para dar prazer e receber em troca periódicos e miseráveis vestidos à «mini-saias», com o prego das incontáveis boteladas e humilhações de que foi alvo.

— Nunca comi na mesa com ele. Quando tinha outra mulher, eu tinha que tratar dela em tudo. Por vezes era obrigada a dormir com um hóspede que estivesse em casa. Tinha vontade de me ir embora, mas não sabia onde estava e para onde ir. Já tinha passado mais de um ano e meio quando comecei a roubar vinho e beber para não sentir nada. Depois comecei a levar dinheiro também — revelou.

Entretanto, ela não se recorda quanto tempo teria passado, quando o sr. Jaime se casou oficialmente e sua mulher deu à luz um bebé. Porém, nunca se esqueceu que foi a partir dessa altura que ela ficou transformada em criada, para cuidar do menino. Pouco depois era abandonada naquela mesma região que, apesar de ser território moçambicano, nunca teve nome para ela.

— Sabes? — conta-nos Rosalina Wazir — Eu era bonita ainda e por isso o tenente Monteiro Castanheira não resistiu. Mas bebia demais quando comecei a viver com ele. Sem saber como, esqueci-me de tudo, até dos meus pais.

POR CONTA PRÓPRIA

Não era da velhice, mas quando chegou a Pemba, então Porto Amélia, Rosalina Wazir tinha as faces chupadas pela sua história. Pior que isso, a vida que esta mulher levava despertara nela uma fechada ambição pelo dinheiro e, consequentemente, formas também errôneas de realizar os seus sonhos.

— Então — prosseguiu — abandonei o tenente e comecei a viver por conta própria. Nessa altura, Paquiquele era mato e não existia este bairro. Só mais tarde, quando vieram aqui pessoas que procuravam emprego na cidade, eu mandei construir a minha barraca. Uma vez aqui, os homens vinham ter a minha casa e no fim deixavam-me eu algum

dinheiro eu, quando se tratava de algum troço, um bom par de pancadas no corpo que acabava de lhe dar prazer.

É precisamente no Paquiquele que se inicia o preenchimento das folhas em branco da história de Rosalina Wazir, desta vez pela tropa colonial e o resto.

RESUMINDO O PASSADO DE PAQUIQUELE

Segundo Rosalina Wazir, Paquiquele era o centro de toda a espécie de brutalidade, no sentido mais horrível do termo.

— No tempo colonial nunca pensei em casar-me aqui, porque já tinha visto maridos a serem batidos e esposas a serem violadas

na presença dos seus homens. Também vi corpos de crianças na praia, mortos de noite por desconhecidos. Para quê ter filhos ou marido! — pergunta-nos de repente.

Entretanto, neste ritmo emocional mas corajoso, ela foi recordando passos mais recentes da sua história, mais concretamente a evacuação e desaparecimento maciços de tantos moçambicanos para as fortalezas da PIDE e as ameaças constantes das tropas à população.

— Às vezes, os soldados coloniais vinham armados, de noite, e tiravam-nos às pancadas das nossas camas para nos concentrarem num sítio, enquanto outros passavam revista às

nossas casas à procura de «ferras». Outras vezes levavam-nos, todos os que vivíamos aqui, à mesquita para jurarmos a Allah que não conhecíamos «ferras» e prometíamos que, caso descobrissemos algum, entregá-lo-íamos à polícia. Isto aconteceu quando a FRELIMO estava quase para nos libertar.

Quando terminou a sua história, Rosalina Wazir disse-nos que hoje, Paquiquele transforma-se dia a dia, graças à acção do Partido e dos Grupos de Vigilância.

Paquiquele jamais voltará a ser o bairro do terror nem o berço da desagregação social e da prostituição. Será, isso sim, o leito da prosperidade.

ESTAMOS À ALTURA DE PRESTAR CONTAS AO PARTIDO

— Salomé Moiane no encerramento do curso de Organização e Métodos de Trabalho

— Saímos de um curso que nos proporcionou novos conhecimentos para melhor servir o nosso Povo. É nossa obrigação assumirmos essa tarefa para sabermos responder às necessidades do dia-a-dia do trabalho para que prestemos fielmente as nossas contas ao Partido na próxima Conferência da Organização — recomendou Salomé Moiane, Secretária-Geral da Organização da Mulher Moçambicana, por ocasião do encerramento do primeiro curso nacional de Organização e Métodos de Trabalho, que terminou sábado na capital do País.

Definindo o trabalho primário a ser desenvolvido pelas Secretárias Provinciais e responsáveis de Departamento da OMM, que ao nível nacional participaram no curso, Salomé Moiane precisou que — a vossa primeira tarefa ao regressarem aos locais de proveniência é transmitir as experiências às camaradas que ficaram, para a uniformização dos métodos de trabalho ao nível de todas as estruturas da OMM do topo à base.

Ao fazer uma prévia análise do comportamento da mulher nesta fase, precisou que, — se por um lado vemos que conseguimos sucessos na sua integração nas nossas estruturas, por outro, encontramos camaradas que ainda não assumiram as suas obrigações na reconstrução do País e na luta pela própria emancipação — e apontou a necessidade de um trabalho contínuo de sensibilização para que as mulheres se tornem verdadeiras vanguardas do triunfo da Revolução.

Ainda a este propósito, Salomé Moiane frisou que — não basta a integração da mulher no processo produtivo se essa integração não é acompanhada por um trabalho político que imprima na mulher o seu carácter combativo contra os males herdados das sociedades feudal e colonial-capitalista —, acrescentando que — em todos os centros onde foram implantadas as estruturas da OMM se torna imperiosa a continuação do trabalho político para garantir a superação do plano deste ano.

PRÓXIMA CONFERÊNCIA DA OMM DEVE REFLECTIR A REALIDADE DA ORGANIZAÇÃO

Anunciando a realização da 3.ª Conferência da OMM em princípio do próximo ano, a Secretária-Geral desta organização sublinhou que — a próxima conferência deve traduzir o nível de organização e do engajamento da mulher nas múltiplas tarefas da reconstrução nacional e reflectir que a mulher foi a continua e ser um verda-

deiro braço do Partido que garante a vitória do socialismo no nosso País.

Finalmente falando das actividades preparatórias que se iniciarão dentro em breve, Salomé Moiane sublinhou a necessidade da implementação das orientações definidas para este ano e sensibilizou as provincias atrasadas na materialização dessas recomendações, adiantando que — o sucesso da conferência dependerá da forma como nos entregarmos na sua preparação e do trabalho que fizermos para consolidar as nossas estruturas.

CONDENAMOS ENERGICAMENTE AS AGRESSÕES RODESIANAS

No decurso da sessão de encerramento as participantes ao curso leram uma mensagem na qual para além de falarem das dificuldades sentidas na assimilação das matérias, demonstravam a sua consternação pela morte do Presidente Agostinho Neto e salientaram — a determinação da mulher moçambicana no prosseguimento da luta pela emancipação da mulher no Continente Africano, ideal que sempre defendeu o Presidente Neto.

Na mensagem, as participantes manifestaram o seu repúdio pelas recentes agressões ao nosso País pelo regime ilegal da Rodésia do Sul, acrescentando no mesmo documento que — condenamos energeticamente as agressões rodesianas ao nosso País e reafirmamos a nossa determinação na continuação da luta pela defesa do território e pelo apoio à luta justa dos Povos oprimidos. — Neste contexto, os participantes contribuíram com uma quantia, em dinheiro, para o reforço da nossa capacidade defensiva.

Salienta-se que o curso teve a duração de 45 dias e durante este período tiveram lugar aulas teóricas e práticas e foram feitas visitas de estudo e de trabalho a diversos centros produtivos e aos bairros, numa actividade de ligação da teoria à prática dos conhecimentos que iam sendo adquiridos.

Outras actividades que completaram

o ciclo formativo das participantes foi a realização de palestras sobre temas diversos e discussão, em estudo colectivo, do papel da mulher na Revolução.

MULHER CHILENA ORGANIZA-SE PARA APOIAR CRIANÇAS DESAMPARADAS

* Várias actividades do AIC

No âmbito do Ano Internacional da Criança, que se assinala em 1979, as mulheres chilenas organizadas criaram um Comité Nacional que organiza várias actividades que visam dar a conhecer ao Mundo a realidade da criança chilena. Têm divulgado listas nominais das 56 crianças que juntamente com os pais desapareceram, bem como listas de crianças cujos pais desapareceram.

Além desta tarefa, a divulgação da realidade do Povo Chileno, ainda este ano, realizaram-se seminários, feitura de desenhos, canções, competições desportivas, actividades artísticas e culturais.

Têm-se feito também campanhas de recolha de material escolar para as crianças cujos pais desapareceram ou estão desempregados.

Todas estas actividades que se rea-

lizam no interior do país visam rodear as crianças fortemente atingidas pela política de junta militar fascista, de calor solidário da classe operária chilena.

As mulheres chilenas recolhem géneros para preparar «panelas comuns» o que permite dar um prato de comida por dia às crianças vítimas da repressão fascista.

O Povo Chileno tem uma longa tradição de luta. Os problemas que afligem a mulher chilena não são inseparáveis da vida de toda a Sociedade. Assim, embora no Chile impere um regime fascista que completa já 6 anos de poder, a luta do Povo Chileno para derrubar a junta militar de Pinochet prossegue incansavelmente.

As mulheres chilenas têm-se organizado para enfrentar a ditadura através de diversos organismos. Temos por exemplo «o Comité das Mulheres e Familiares dos Desaparecidos» e «Comité das Mulheres e Familiares dos Fuzilados». Estas organizações estão unidas em torno de uma só denominada Coordenadora Nacional Feminina, que agrupa também as mulheres trabalhadoras.

Além de lutar contra a repressão estas mulheres enquadradas pelos seus Comités mantêm permanentemente uma campanha de solidariedade para com as crianças cujos pais desapareceram, foram fuzilados ou estão desempregados pelo regime cruel de Pinochet, que não poupa a vida do Povo para conseguir dominar pois mais alguns anos.

De referir que as mulheres chilenas que se encontram no exílio espalhadas em diferentes países do Mundo contribuem economicamente para as actividades destas organizações de mulheres.

A Coordenadora Nacional Feminina é membro da Federação Democrática Internacional das Mulheres — FDIM — e participa na luta organizada das mulheres de todo o Mundo contra o imperialismo, o fascismo, o racismo e o «apartheid» que as forças progressistas de todo o Mundo travam pela Paz e Justiça.



PELA PRIMEIRA VEZ

Bandeira da Organização será içada amanhã no País

No âmbito das comemorações do dia 25 de Setembro, será pela primeira vez içada, amanhã, na Sede Nacional e nas Sedes Provinciais da OMM, a Bandeira da nossa Organização. Este símbolo, de um alto significado para a mulher moçambicana, foi entregue pelo Camarada Presidente Samora Machel à Organização, através da Secretária-Geral Salomé Moiane, no decorrer da IV Reunião do Comité Central da FRELIMO. Lembramos algumas das palavras do dirigente máximo da Revolução Moçambicana durante o acto, quando a 25 de Junho içámos a nossa bandeira, isso significa que tínhamos o Poder Político, que estávamos politicamente conscientes e capazes de dirigir a independência conquistada. Hoje, podemos dizer com orgulho: está ali a Sede da OMM com a sua bandeira, a bandeira da OMM, que significa luta pela libertação da mulher.

BRIGADAS DE ALFABETIZAÇÃO PARTEM PARA AS PROVÍNCIAS

Colaboradoras da OMM a nível nacional, partiram já para as provincias de Cabo Delgado, Niassa, Tete, Soata e Inhambane, a fim de acompanharem e apoiarem os trabalhos da fase final da 1.ª Campanha Nacional de Alfabetização. Lembramos que a Organização da Mulher Moçambicana comprometeu-se a alfabetizar 3 000 membros, entre responsáveis e quadros dos vários níveis. Estas brigadas irão contribuir na organização dos alfabetizandos, para que todos participem nas provas de avaliação a terem lugar no dia 5 de Outubro.